

# BOLETIM DO MUSEU NACIONAL

NOVA SÉRIE

RIO DE JANEIRO - BRASIL

ANTROPOLOGIA — N.º 16 — 30 de outubro de 1954

## DEFORMAÇÕES TEGUMENTARES E MUTILAÇÃO DENTÁRIA ENTRE OS ÍNDIOS TENETEHÁRA (1)

PEDRO E. DE LIMA  
Museu Nacional

### INTRODUÇÃO

Os Tenetehára ou Guajajara pertencem ao grupo lingüístico tupi-guarani. De há muito que êstes índios entraram em contato com os "civilizados", ou melhor precisando, desde os fins do século XVII. Contudo, conservam um padrão de cultura ainda bem característico, mantendo relativamente intactas suas crenças, instituições e modos de vida, como bem documentam C. Wagley e E. Galvão (2).

As aldeias dos Tenetehára ficam localizadas entre os rios Pindaré, Mearim e Grajaú, a noroeste do Estado do Maranhão. Por conveniência de trabalho, principalmente de condução, foram escolhidas, como objeto de estudo, as aldeias do Pindaré; delas tínhamos conhecimento preciso através dos naturalistas do Museu Nacional, quando lá estiveram, em 1942.

O vale do Pindaré é uma zona de transição. Em sua cultura nota-se uma acomodação de traços pertencentes uns à área amazônica e outros à área nordestina. Sob o aspecto fisiográfico, é a região tipicamente amazônica: clima quente e úmido; mata densa e alta; pluviosidade intensa e regime fluvial sujeito a grandes variações nas épocas bem diferenciadas de inverno e verão. A estação das grandes chuvas, o inverno, compreende os meses de dezembro a maio, quando o rio

(1) Em 1945, por determinação do Museu Nacional, fomos às aldeias dos índios Tenetehára com o objetivo de fazer pesquisas no campo da Antropologia Física. Quatro anos após, voltávamos ao mesmo local de trabalho, a fim de completar nossos estudos.

(2) Wagley, Charles, 1942, 1943 — Wagley e E. Galvão, 1949.

Composto e impresso  
na Oficina Gráfica da  
Universidade do Brasil

Favor não fazer anotações ou grifos  
à tinta ou a lápis nesta publicação



atinge o nível mais alto, inundando campos e matas, tornando a pesca bastante difícil. É o tempo próprio para a navegação: sobe-se o rio em embarcações de grande porte, até muito além da foz do Caru, afluente esquerdo do Pindaré, ponto mais alto a que se vai, no verão, com embarcações menores.

Foram em número de quatro as aldeias dos Tenetehára por nós visitadas. Próximo ao Pôsto Indígena Gonçalves Dias fica a aldeia de Januário que não ofereceu bom campo de trabalho; recentes epidemias de varíola e pneumonia exterminaram, quase por completo, a aldeia; umas poucas dezenas de índios morreram e alguns abandonaram o local, indo construir aldeia em ponto distante. Da então numerosa aldeia de Januário, de 1942, quando lá estiveram meus companheiros de trabalho, somente restava uma dúzia de habitantes. Após algumas semanas, fomos forçados a subir o rio, à procura de melhor campo de trabalho.

As outras aldeias visitadas acham-se localizadas no alto Pindaré, a quatro dias de viagem da foz do Caru e a oito do Pôsto, em canoa a remo. Essas aldeias, em número de três (Kamiranga, Domingos e Raimundo), acham-se próximas umas das outras, distando entre si de seis a oito quilômetros. São aldeias que apresentam farto campo às pesquisas de Antropologia Física.

Em todas as aldeias, inclusive a de Januário, notamos o abandono em que se encontram tais indígenas, e, conseqüentemente, o estado precário de saúde dos mesmos. O impaludismo é endêmico e afeta a quase totalidade dos indivíduos; os surtos de tal enfermidade fazem sentir-se, principalmente, na época do abaixamento das águas.

O primeiro contato que tivemos com elementos indígenas foi no Pôsto Gonçalves Dias, alguns dias após nossa chegada. Nosso barracão ficava cheio de curiosos, tanto "civilizados" (trabalhadores do Pôsto) como alguns Tenetehára. Com meus companheiros, os indígenas mostravam-se mais expansivos, por já os conhecerem desde 1942. Com o passar dos dias, porém, perderam o acanhamento para comigo e em pouco éramos bons camaradas. Procurávamos por todos os meios estabelecer intimidade com os indígenas que mais freqüentemente nos cercavam, pois, assim, nossas pesquisas seriam facilitadas. A curiosidade do índio foi sempre a chave de efetuação dos nossos trabalhos: expúnhamos o material antropométrico e em pouco nos perguntavam o que era, para que servia, e terminávamos por levantar a primeira

ficha. O mesmo se deu com a moldagem das arcadas dentárias: primeiramente, fizemos demonstrações em Chico Mancha, nosso empregado, que muito nos auxiliou nesse mister, despertando interesse entre os índios e mesmo entre os "civilizados". Assim, vencemos a resistência, tão freqüente e compreensível, por parte dos índios, em consentirem na realização de mensurações e outros exames.

Passados os primeiros dias de contato e adaptação entre os Tenetehára, captadas a confiança e a amizade, pudemos trabalhar com desenvoltura e produtividade. Gratas recordações guardamos desses índios, entre os quais deixamos bons amigos.

De estatura baixa (média 150,2), os homens são fortes, apresentando tórax amplo, muito embora a dilatação abdominal seja a regra. A fronte é curta e estreita; o nariz reto; a região malar bastante saliente. O cabelo é abundante, de cor castanho-escura a preta; o tipo corresponde ao n.º 1 de Fróes da Fonseca. A pilosidade é escassa, exceto na região pubiana; a maioria não apresenta barba, e quando esta existe, limita-se à região mentoniana, porém, mesmo assim, de fraca densidade. A pele é normalmente escura, variando entre os limites 21-22 da escala de Von Luschan; as partes expostas ao sol apresentam uma coloração mais acentuada.

As mulheres são mais expansivas e alegres. Normalmente, brincam e dizem-nos pilhérias, principalmente quando perdem a cerimônia e percebem que compreendemos sua língua. De estatura mais baixa que os homens (média 141,6), apresentam também menor dilatação abdominal; seios pequenos, flácidos quando em idade avançada. Testa curta e estreita; nariz igualmente reto; região malar com acentuada saliência. Farta cabeleira de um castanho-escuro a preto, lisa (tipo 1), cobre-lhes os ombros. Escassa pilosidade na região pubiana. A pele varia nos limites 19-20 da mesma escala.

Com referência ao aparelho dentário, os elementos posteriores, em regra, apresentam-se estragados em muito maior percentagem que os anteriores.

Um fato que nos chamou a atenção, logo ao entrarmos em contato com esses índios, foi o aspecto dos incisivos, em alguns indivíduos. Costumam mutilar, na infância, os incisivos, cortando-lhes os ângulos distais e proximais. Somente observamos tal mutilação, a que chamam "dente de piranha", nos incisivos superiores.

Não observamos em sua população nenhum indivíduo com defeito físico ou taras; somente anotamos dois casos de cifose, entre os homens.

### DEFORMAÇÕES TEGUMENTARES

As deformações feitas no corpo humano foram sempre descritas por viajantes e estudiosos como uma nota curiosa e pitoresca, para uns, ou com os significados mais diversos, para outros.

Por *deformação* compreende-se toda e qualquer alteração de caráter passageiro ou permanente que se pratique no corpo humano, seja modificando a cor ou a forma. Como deformações, temos a pintura, a coloração, a tatuagem e várias outras (dentárias, cranianas, labiais, etc.).

A *coloração* nada mais é que uma alteração da cor da pele por substâncias coloridas. Na coloração não se nota a preocupação de traços, pois a tinta (urucu, genipapo, óleos, etc.) é passada sobre a pele do rosto ou de todo o corpo, em uma camada única. Esta deformação não tem caráter permanente, pois a tinta sai com relativa facilidade.

A *pintura* difere da coloração pela maneira de passar a tinta na pele, pois não é executada em camada uniforme, mas sim, obedecendo a determinada simetria. Nota-se uma associação de traços e pontos, formando verdadeiros desenhos. Na pintura vê-se uma elaboração de idéia, um pouco de sensibilidade artística, de ritmo, que variam segundo o "artista", tudo porém, dentro dos padrões de cultura do grupo. Esta mutilação já requer certo aprimoramento de técnica, havendo instrumentos que são verdadeiros carimbos, com os mais variados desenhos.

Na *tatuagem* temos uma deformação de caráter permanente, e por isso, a sua execução requer um aperfeiçoamento de técnica muito maior que a pintura. Sob o ponto de vista médico-legal e antropológico, o estudo da tatuagem tem dado motivo a numerosos trabalhos.

O conceito de tatuagem varia com os diversos autores que têm estudado o assunto. Para uns, seu conceito é amplo, compreendendo todas as deformações praticadas no tegumento cutâneo, inclusive as ulcerações e queimaduras. Outros restringem-no, só considerando tatuagem a introdução, sob a pele, de corantes, por meio de picadas.

Preferimos ficar com os mais ponderados, isto é, com aqueles que consideram a tatuagem como "um conjunto de práticas destinadas a modificar a coloração da pele, mediante rotura do tegumento e introdução de substâncias pigmentares, na ferida" (3).

Se o conceito varia tanto de autor para autor, era de se esperar a multiplicidade de classificações que existe. De fato, inúmeras classificações têm sido propostas, baseadas em diferentes critérios; uns tomam por base os corantes, outros a região tatuada, outros ainda o significado, etc., etc... A classificação que melhor nos pareceu, aliás bastante aceita por outros autores, é a de Deniker (4). Classificou, Deniker, as tatuagens, de maneira simples, tomando por base as técnicas comumente empregadas para fazer tais mutilações. Assim, temos a tatuagem por *punctura* ou punção e a tatuagem por *escarificação*. No processo de *punctura* a pele é perfurada pelo instrumento tatuador (agulha, espinho, etc.) indo até à camada profunda da epiderme. Na *escarificação* a pele é arranhada pelo instrumento (dentes, etc.).

Os Tenetehára praticam a tatuagem pelos dois processos: *escarificação* e *punctura*. A primeira está hoje quase abandonada, por ser muito dolorosa. Os antigos praticavam-na, tendo como instrumento *escarificador* o dente de cutia (*Dasyprocta aguti*). Depois que conheceram a agulha, passaram a usá-la para fazer suas tatuagens; preferindo, hoje, este processo — *punctura* — por ser menos doloroso. Conforme o feitio do desenho, assim também varia o número de agulhas empregado e a disposição em que são arrumadas. Há traços grossos ou finos, conforme a preferência do paciente e o motivo escolhido. Para traços, as agulhas são arrumadas de modo que suas pontas formem um triângulo; assim dispostas, geralmente em número de três (.), são amarradas com um fio. Para se obter traços mais finos, mais delicados, as agulhas são em número de três a cinco, dispostas em linha e igualmente amarradas com fio (.....).

O líquido usado na tatuagem é extraído de um arbusto (*kahá-unâ*) e misturado com folhas de feijoeiro. Juntam-se à casca de "kahá-unâ", folhas de feijoeiro e procede-se à trituração em uma cuia ou pano, até ficar em estado pastoso. Espremido, resulta um suco esverdeado. Para tornar o líquido mais negro é adicionada fuligem de lamparina; antigamente, quando não conheciam a lamparina, e ainda hoje, quan-

(3) Dembo e Imbelloni, s/d, p. 115.

(4) Deniker, 1926, p. 207.

do há falta de querosene ou azeite, usam pó de cabaça queimada. Aliás, as tatuagens têm sempre por base o carvão, conforme nos descreve José Dória (5): “As tatuagens feitas com tinta da CHINA, cuja base é a fuligem (pós-de-sapateiro, carvão em divisão finíssima, impalpável), não se apagam e apresentam côr azulada. O carvão, insolúvel e inatacável pelos humores da pele, aí fica para sempre impregnado”. O líquido assim enegrecido torna a tatuagem mais viva, mais bonita. Muito embora seja facultativo, o Tenetehára usa, sempre que possível, o sangue de poraquê (*Electrophorus electricus*) misturado ao líquido. E’ crença existente entre êles a de que o sangue do poraquê resulta em benefício do índio a ser tatuado, conferindo-lhe mais fôrça, mais energia, predicados inerentes àquele peixe.

Uma vez o líquido pronto, arrumadas as agulhas ou o dente de cutia, qualquer pessoa pode fazer a operação, desde que tenha habilidade; não é privilégio de determinadas pessoas e até o próprio paciente se pode tatuar, como no caso de nosso informante.

A técnica da tatuagem é simples: molha-se o instrumento no líquido e perfura-se ou escarifica-se a epiderme, conforme o caso. As agulhas reunidas têm suas pontas molhadas no líquido que, por capilaridade, enche os intervalos compreendidos entre suas pontas. Então, fura-se a epiderme, em 0,5 mm mais ou menos, indo a tinta fixar-se na camada profunda da mesma. Faz-se isto quantas vezes se tornem necessárias. Ao terminar, lava-se a parte tatuada com água e observa-se o trabalho; caso necessário, repete-se a operação. Normalmente, sangra um pouco no ato da tatuagem, principalmente se esta for por punção; isto, porém, é de somenos importância para o índio.

As partes tatuadas variam com o tipo de tatuagem, a preferência do índio e, em alguns casos, com o sexo. As regiões escolhidas são os braços, antebraços e regiões dos grandes peitorais, para os homens. As mulheres tatuam os braços, antebraços e seios. Na tatuagem por escarificação os desenhos, geralmente, são mais extensos, abrangendo regiões diversas; o mais comum é o traço começar no braço, passar pela articulação escápulo-umeral, descer pelo grande peitoral e unir-se com o traço do lado oposto, na linha mediana, abaixo do esterno.

Nos primeiros dias após a tatuagem, a região fica um pouco in-

flamada, apresentando tumefação e rubor. Depois de dois ou três dias, porém, o processo inflamatório vai regredindo, até haver o seqüestro da epiderme no sexto ou sétimo dia, quando a tatuagem é dada como curada.

Ainda hoje, o Tenetehára observa resguardo quando pratica a tatuagem; êsse resguardo consiste na abstenção da carne de certos animais. Assim, a carne de queixada (*Tayassu pecari*), peixes, jaboti (*Testudo tabulata*), macaco, não podem servir de alimentação nesse período, pois, dizem êles, que a não observância da abstenção determina demora em sarar a ferida, em virtude de estas carnes apodrecerem muito rapidamente. O feijão é também proibido. O índio passa a alimentar-se de cará (*Dioscorea* sp.), guariba (*Alouata guariba*) e farinha de mandioca. Somente depois de sarar, termina o resguardo.

A tatuagem entre os Tenetehára tem um fundo estético, como em outras tribos de que nos dá relato von den Steinen, muito embora êste autor acredite que a tatuagem haja derivado do “sarjamento”, recurso terapêutico entre as tribos do Xingu. Os Tenetehára, contudo, praticam a tatuagem, desconhecendo o “sarjamento” como terapêutica.

A nenhum cerimonial se prende a tatuagem, entre aquêles índios do Maranhão. O tatuar-se, vai da vontade do índio que comumente o faz quando é moço; ambos os sexos participam dêsse direito de querer ou não tal forma de ornamentação. Antigamente, segundo meu informante, quando os Tenetehára empreendiam guerras a povos estranhos, a escarificação era freqüente.

O processo de tatuagem por punção não nos parece ser um traço da cultura Tenetehára. Os tupis desconhecem tal processo, segundo as crônicas e trabalhos sobre êstes povos. Seriam, pois, os Tenetehára uma exceção dentro da família lingüística. Esse traço de cultura — tatuagem por punção — parece ter sido transmitido aos Tenetehára através dos povos vizinhos com os quais entraram em contacto, já há muitos anos. Com efeito, habitam próximo àqueles tupis os Ramikokamekra (Canela), pertencentes ao grupo Gê, que praticam a tatuagem por punção. Por outro lado, o Maranhão foi um grande empório de negros escravos, vindos da África, região em que a tatuagem é freqüente; tais negros eram deslocados para o interior, constituindo o Pindaré uma via de penetração natural, tanto que ainda hoje vamos encontrar grupos de negros habitando as margens do rio, formando verdadeiras vilas. Isto nos faz crer que, através dêstes povos, se deu

(5) Dória, José R., 1938, p. 195.

a incorporação desse traço à cultura tenetehára. O mesmo não se pode pensar sobre a tatuagem por escarificação, traço de cultura cuja referência vamos encontrar desde os cronistas, até os trabalhos de von den Steinen (6) e, recentemente, o de Charles Wagley (7) sobre grupos tupis.

\* \* \*

Além da tatuagem, usam os Tenetehára a *coloração* e a *pintura* da pele. A coloração é feita com genipapo (*Genipa americana*) e processa-se, normalmente, nos dias de festa. Wagley e Galvão tiveram oportunidade de assistir a uma festa do moqueado ou de iniciação, na qual os meninos se apresentaram com a coloração da pele muito mais escura, fato decorrente do uso do suco do genipapo. Não sendo repetida, a coloração pelo genipapo desaparece com a descamação da epiderme.

A pintura entre os Tenetehára é praticada com mais frequência que a coloração. Mesmo sem ser em dias de festa, encontramos, nas aldeias, indivíduos pintados, como que numa demonstração de alegria, brincadeira e estética. A pintura, feita com urucu, geralmente no rosto, não obedece a desenhos fixos; tudo varia de conformidade com o "artista" que procura associar traços, pontos e faixas, pelas maneiras mais diversas.

Depois de adquirirmos intimidade e confiança entre os índios, temos, às vezes, o prazer de sermos pintados. Geralmente, neste caso, o artista é uma mulher, brincalhona e alegre, como é a Tenetehára; toma nos dedos indicador e polegar um grão de urucu, molha-o na boca e enche de traços e pontos nossos rostos, sob gracejos e risadas dos presentes.

Embora o uso do urucu sobre a pele seja de efeito medicamentoso, não encontramos referência, entre os Tenetehára, a tal finalidade. Certo é que várias tribos usam-no com o objetivo de se defenderem dos raios do sol, como entre os Urubu, segundo a opinião de Raimundo Lopes (8).

(6) Steinen, Karl von den. — 1940.

(7) Wagley, 1943.

(8) Lopes, Raimundo — 1932, p. 159.

## MUTILAÇÃO DENTÁRIA

Os Tenetehára praticam a mutilação dentária por dois processos: *corte* e *limagem*, ambos com a finalidade de fazer o aguçamento dos incisivos, o que vulgarmente é conhecido por "dente de piranha".

A limagem está, nos dias atuais, quase abandonada, por ser um processo muito demorado e doloroso. Era o mais usado antigamente, quando se serviam, primeiro, de lâminas de pedras, e depois, de ferro para limar os dentes. Este processo tornava os elementos dentários muito sensíveis por vários dias, durante os quais o índio não podia alimentar-se satisfatoriamente.

Hoje, os Tenetehára preferem praticar a mutilação pelo corte, por ser menos dolorosa e mais rápida. Usam para isso pequenas facas ou um pedaço de facão; quando não conheciam este processo, serviam-se de lâminas de pedra, encastoadas num pedaço de madeira, por meio de fio e cerol, dando a idéia de uma faca.

A mutilação dentária de que estamos tratando, consiste na quebra dos ângulos proximais dos incisivos, que tomam um aspecto pontagudo, razão porque são chamados "dente de piranha". Embora o esmalte dentário seja mais espesso nesta região (ângulos dos incisivos), é completamente destacado, deixando a dentina exposta ou também atingida (Fig. 3).

Por excavações feitas em cemitérios tenetehára (9), coletamos alguns crânios, nos quais figuram mutilações dentárias. É o que se observa nos crânios ns. 699 e 704 da coleção do Museu Nacional. O crânio 699 pertence a um índio adulto e apresenta a mutilação dos incisivos central e lateral, esquerdos (Fig. 4); vê-se de maneira nítida, por exame macroscópico, que a dentina foi em parte perdida. A radiografia comprova o que afirmamos, mostrando-nos ainda que houve uma reação defensiva, com formação de dentina secundária. Da mesma maneira, o crânio 704, possui o incisivo direito mutilado.

Tivemos oportunidade de presenciar uma demonstração dessa técnica e documentá-la com as fotografias que ilustram o presente trabalho.

O índio que vai submeter-se à mutilação, coloca na boca, em sentido transversal, um pedaço de pau medindo dez centímetros de com-

(9) Coletamos 20 esqueletos tenetehára, os quais figuram nas coleções do Museu Nacional.

primento, aproximadamente, e um centímetro de diâmetro. Prende este pedaço de madeira nos molares, morde-o e deita-se em um banco ou no chão, em decúbito dorsal. O indivíduo que procederá à mutilação, toma do instrumental — uma pequena faca e um pedaço de madeira idêntico ao primeiro descrito, à guisa de martelo — e executa o ato (Figs. 1 e 2). Ladislau Neto, escrevendo sobre o corte artificial dos dentes, entre os sertanejos, dá uma técnica semelhante, por êle observada: “Como era e ainda hoje deve ser praticada a operação entre os africanos, não sei eu dizê-lo; como praticam, porém, nossos sertanejos conhece-o todo o povo, e demais o sabe aquella pobre gente, pois que não ha em tal mister nem officiaes, nem mestres, nem licenciados especialistas, que tudo isso são os nossos sertanejos n’um tão commum e popular officio. Uma navalha tangida por uma chave, eis todo o material empregado, eis todo o aparelho profissional e a um tempo todo o seu artificio. Com dous golpes aguça-se um dente; oito golpes, sós, portanto, são bastantes a mutilar para sempre, na bocca da graciosa filha do sertão, esse fio de brancas perolas com que a natureza se aprouve de lhe aljofrar o candido sorriso e a vivá purpura dos formosos labios” (10).

Quando o Tenetehára prefere a limagem, o que é hoje pouco comum, a posição do paciente é a mesma; prende igualmente um pedaço de madeira à região dos molares e deita-se em decúbito dorsal.

Terminada a mutilação, o índio morde um facão ou uma lâmina qualquer de ferro um pouco aquecido (11). Assim, mordendo algumas vezes o metal aquecido, dizem êles reduzir o tempo em que os elementos dentários ficam doloridos; dois ou três dias depois, já não são sensíveis ao ato mastigatório.

A prática do “dente de piranha” entre os índios Tenetehára, não é seguida de resguardo alimentar. O índio que se mutila pode comer tudo que achar ao seu alcance, desde que suporte mastigar. Geralmente, o estado dolorido dos elementos dentários persiste por algumas horas ou mesmo dias, o que torna difícil a mastigação. Nesse caso, o índio usa alimentos líquidos, como mingaus e “chibé” (bebida muito usada entre êles e os caboclos da região, constando de uma mistura de água com farinha e, às vezes, suco de limão).

(10) Neto, Ladislau, 1882, p. 47.

(11) Eduardo Galvão colheu informações de que mordem, também, mandioca ou batata quente.

Tarefa difícil para o pesquisador é determinar, numa tribo, as causas e a interpretação de diferentes traços de cultura.

Os Tenetehára parecem praticar a mutilação dentária com finalidade de adorno; para êles os incisivos ponteagudos têm um “quê” de graça e beleza. Ao lado dêste motivo, referiam-se os Tenetehára à conveniência de fazer o “dente de piranha” para não prender fragmentos de carne entre os elementos dentários, evitando que os mesmos venham a estragar-se. Talvez haja um pouco de verdade em tudo isso, no que diz respeito à profilaxia da cárie nos incisivos, pelo corte dos seus ângulos. Outros autores, como Matos Arvelo (12), têm encontrado, neste motivo, a razão das mutilações dentárias.

Quando de nossa viagem ao Maranhão, moldamos quarenta arcadas superiores e igual número de inferiores, entre os índios Tenetehára. Analisando este material, hoje incorporado às coleções do Museu Nacional, encontramos 14 arcadas superiores com os quatro incisivos mutilados, e somente nos foi dado observar cárie em dois incisivos laterais direitos. Como explicar tão baixa percentagem (4%) de cárie nos incisivos superiores? Não correria por conta da mutilação? Pois, na mesma arcada, os outros elementos apresentam-se cariados. Se povos, ditos civilizados, lançam mão de processos que constituem verdadeiras mutilações, a fim de combater a cárie, como não admitir que povos primitivos usem processos semelhantes, muito embora sem a noção precisa e exata de sua finalidade? Bem sabemos que a profilaxia preventiva da cárie, nos Estados Unidos, é feita por alguns odontólogos com a ablação das cúspides dos dentes posteriores, que assim ficam com uma superfície mastigatória mais plana, retendo menos os resíduos alimentares e facilitando a ação das escovas. Se os dentes ponteagudos não ferissem nosso conceito de beleza e de estética, de certo já teríamos experimentado combater preventivamente a cárie, pela ablação dos ângulos dos incisivos.

O Tenetehára dificilmente mutila os incisivos da arcada inferior. A razão de assim proceder é que os incisivos inferiores “em dente de piranha, mordem muito a língua”, segundo dizem êles, o que tem sua razão de ser. De fato, bem sabemos que em articulação normal ou na mecânica mastigatória, a arcada superior transpõe a inferior, na bateria labial. A língua facilmente ficará presa nesse espaço compreen-

(12) Arvelo, Martins Matos, 1912, p. 186.

dido entre as duas arcadas. Não nos foi dado observar nenhum indivíduo com os incisivos inferiores mutilados, e sempre que indagávamos o motivo, obtínhamos a mesma explicação. Aliás, outras tribos, nas quais se verificam mutilações idênticas às de que estamos tratando, somente apresentam o aguçamento dos incisivos superiores; é o caso do crânio 165, no Museu Argentino de Ciências Naturais, que Dembo nos descreve. O mesmo observou Ladislau Neto, entre as populações sertanejas, no Brasil.

A mutilação dentária entre os índios Tenetehára não é privilégio de sexo nem de grupo; desde que a criança mude os dentes poderá mutilá-los, não precisando, para isso, haver festa ou qualquer rito cerimonial.

Sabemos que, uma vez formado e constituído o elemento dentário, a composição físico-química do esmalte não mais se altera. Os Tenetehára, porém, praticam a mutilação dentária enquanto o índio é adolescente, e na parte da manhã, pois é “quando o dente está mais mole”. “Os anos tornam o dente mais duro, o mesmo acontecendo na parte da tarde”, como dizem êsses tupis do Maranhão.

A mutilação dentária parece estar em declínio na cultura Tenetehára, pois encontramos vários rapazes, moças e crianças sem o aguçamento dos incisivos. Embora os nossos moldes dentários, indistintamente levantados, apresentem 14 exemplares com “dente de piranha”, o que dá 35% do total das observações, parece-nos que os índios não mais se preocupam em mutilar os dentes.

Este traço — mutilação dentária — não nos parece ser um traço de cultura Tenetehára, mas sim, ter-se incorporado a ela através de culturas vizinhas, principalmente de negros escravos. Vários fatos nos levam a pensar desta maneira. O Estado do Maranhão teve um dos principais portos de negros africanos, notadamente Bantus. E’ justamente nos Bantus Meridionais, sobretudo, que vamos encontrar, como uma das características de sua cultura, o aguçamento dos dentes, segundo estudos de Seligman (13). Ladislau Neto atribui, também, aos africanos, a transmissão da mutilação dentária às populações sertanejas: “Este mão e estúpido costume foi transmittido ao Brazil, de envolta com tantissimos outros de igual desmerito, pelos escravos africanos, por mais de tres seculos nos ensombraram os horizontes do

(13) Seligman, C. G. — 1935, p. 166.

Oriente, donde só nos deveria provir, com os raios de sol desponte, a luz civilisadora da culta Europa; e se em nossas provincias meridionaes mui raros exemplos apresentam-se-nos de tão barbara prática, outro tanto não me é dado dizer a respeito das provincias septentriónaes e especialmente do sertão inteiro daquella parte do Imperio aonde o cóрте dos dentes é o principal adorno dos dous sexos” (14).

Êstes fatos que vimos mencionando, reforçam nosso ponto de vista de ser a mutilação dentária entre os Tenetehára, um traço importado, embora, hoje, perfeitamente acomodado à cultura da tribo.

\* \* \*

Na prática das mutilações dentárias, parece existir um fundo de beleza e vaidade, máxime no elemento feminino. Êsse senso de adôrno pode estar associado a alguma outra cerimônia, rito, superstição, etc.. Outras mutilações — labial, nasal, auricular, etc. — feitas, evidentemente, com a finalidade de prender enfeites, são, da mesma maneira que as dentárias, muito praticadas entre povos primitivos. Era natural que assim se desse, em tais comunidades onde a vida não tem a agitação do nosso meio, onde a ociosidade, a despreocupação e o mundo restrito que a cercam, levam os indivíduos a procurar um derivativo, uma distração. Que é a mutilação, em última análise, senão um derivativo, uma distração que entre alguns povos constitui verdadeira arte? Encontramos ainda, em nosso meio, vários casos que evidenciam o instinto do homem em se mutilar, quando mergulhado numa vida sedentária; a vida dos presídios, por exemplo, é um exemplo do que acabamos de afirmar. Um outro fato que nos passa geralmente despercebido, mas que diz bem dêsse instinto de vaidade, próprio da Humanidade, é a mutilação que praticam as mulheres, ou que lhes é imposta, perfurando o lóbulo da orelha para prender os brincos. Para nós, “civilizados”, os brincos são adôrnos, contribuindo para aumentar a graça e o encanto feminino; os povos “selvagens” usam penas e outros enfeites, mas, na realidade, têm o mesmo objetivo e obtêm o mesmo êxito.

Na generalidade dos casos, a mutilação dentária constitui um meio de ornamento. Isto, porém, não impede haver outros impulsos

(14) Neto, Ladislau. Ob. cit.

e no dizer de Darwin “certas mutilações têm relação com os ritos religiosos, outras distinguem a idade adulta ou a condição social do indivíduo ou servem para distinguir as tribos”. Aliás, êste é o conceito médico-legal que se vem formando a respeito das mutilações intencionais, praticadas pelo Homem.

Para as mutilações dentárias, segundo os diferentes povos que as praticam, vamos encontrar expressões diversas, como se dá com a extração entre os indígenas da Polinésia Oriental. Para outros povos, prende-se a ritos de iniciação, como a extração entre os indígenas da Austrália.

Na África, onde a mutilação dentária está tão difundida, vários são os motivos dessa prática, segundo o trabalho de van Rippen (15), que dá, pelo menos, 17 finalidades para as mutilações desses povos:

Para fins estéticos e adornos .....	2 tribos
Rito pré-nupcial das mulheres, em presença do noivo	1 ”
Festejos de iniciação .....	3 ”
Associadas com práticas de canibalismo (?) .....	2 ”
Aspiração à carreira das armas .....	1 ”
Insígnia de dignidade própria do médico e do cacique ..	1 ”
Para diferenciar dos asnos .....	1 ”
Para não permitir beber em sua própria taça ....	1 ”
Impedir a morte por fome, ao cerrar-se a bôca ....	1 ”
Evitar ser morto em guerra .....	1 ”
Prerrogativa dos reis (adorno ou insígnia?) .....	1 ”
Para diferenciar dos bois .....	1 ”
Para descarnar carnes cruas .....	1 ”

Ao lado desses motivos, não faltam outras hipóteses idealizadas por diferentes autores, sobre as mutilações dentárias. Assim, Andrews diz ser o aguçamento dos dentes, necessário àqueles povos comedores de carne. Ranke vê, na mutilação dentária, uma cópia da dentadura de determinado animal; assim, as “dentaduras com dentes afilados, parecem-se com a de animais rapaces, principalmente a do crocódilo,

(15) *Apud* Dembo, p. 34.

é possível, como se tem afirmado, que na realidade podem servir como arma melhor que as dentaduras normais” (16).

Deixando de parte a questão de causas e motivos capazes de levar o homem a mutilar-se, e seus conseqüentes problemas etnológicos, a mutilação dentária, para nós, oferece um aspecto *sui generis* e que merece ser destacado, por estar entrosado com a identificação humana.

Temos assistido, com a evolução da ciência da identificação, ao papel desempenhado pela Odontologia como um dos mais promissores e importantes.

Não há dúvida que a identificação atingiu, com a datiloscopia, sua alta finalidade social. Para isto, porém, faz-se necessário que possamos utilizar tudo quanto o sistema datiloscópico é capaz de nos fornecer. Seus métodos são quase absolutos, infalíveis, desde que perfeitamente executados. Mas, sabemos que, em alguns casos, seus datilogramas são tomados imperfeitamente e por si sós não podem levar o perito à identificação segura.

Quando falham todos os processos técnicos usuais, de identificação, até mesmo o datiloscópico, resta ainda à Odontologia contribuir com seu subsídio de real valor. Apela os técnicos para êsse último recurso, encontrando no campo odontológico os elementos que ainda lhes podem ser úteis. Dos elementos buco-dentários que levaram os estudiosos a tomá-los como capazes de identificar o homem, sobressaem os dentes. O rugograma palatino, que tantas esperanças dera a Carrea, precisa nos dias atuais de estudos mais apurados, sistematização racional e interpretação convincente. Êste processo — rugoscopia — talvez venha a ter, em futuro próximo, sua grande finalidade em questão de identificação.

A disposição papilar no dorso da língua, também foi objeto de estudo por parte do Prof. Bovero (17), não chegando, porém, a uma solução definitiva.

O dente tem sido, porém, um elemento de real importância em pesquisa odonto-legal, e essa importância cresce e se multiplica, à medida que a êle venham prender-se outras características, quais sejam as pontes, pivôs, obturações, enfim, todos os efeitos da prótese. As vêzes, nem mesmo trabalhos dessa espécie figuram na arcada den-

(16) Ranke, (*Apud* Dembo, pp. 185-86).

(17) Bovero, Alfonso — 1936.



tária, mas são os outros subsídios, como a falta de elementos dentários, as anomalias de erupção, quebra de articulação e outros tantos, capazes de marcar o indivíduo.

A literatura odonto-forense tem-nos dado inúmeros casos que bem realçam a importância da identificação odontológica. O caso clássico, na América Latina, é o ocorrido na Embaixada Alemã do Chile, em 1909, pela sua significação política, e que é de conhecimento de todo o odontólogo.

Ao lado desses caracteres buco-maxilares, que constituem verdadeiros métodos auxiliares da identificação, deve-se mencionar serem, os elementos dentários, susceptíveis de mutilações intencionais que mais aumentam a possibilidade de identificação. Com efeito, as mutilações dentárias, tão generalizadas em certas tribos, constituem elementos excepcionais para o odonto-perito. Os aguçamentos, as incrustações de metais e pedras preciosas, feitas com os mais variados motivos — estético, político, religioso, profilático, etc. — constituem sinais imperecíveis, verdadeiros sinetes a identificar o homem, o indivíduo, quando não o grupo social.

Em nosso meio, temos uma comprovação do quanto vale a identificação odontológica. Valho-me do caso registrado pelo Prof. Alvaro Dória, no Estado da Bahia. Ocorreu com um indivíduo de nome J. A. de Jesus Boaventura, preto, 38 anos, sem profissão, tipo atlético e de bons dentes. Tinha Boaventura, no incisivo superior esquerdo, uma incrustação de ouro, em forma de X, o que lhe dera o apelido de “Estrêla de Ouro”. Diz o Prof. Dória que a intenção de Boaventura era ter uma incrustação em forma de Signo de Salomão, para assim ficar premunido contra punição por seus atos criminosos. O prático-protético, porém, não tivera habilidade suficiente e somente conseguira incrustar um X de ouro, no pré-molar superior direito.

O “Estrêla de Ouro”, tendo cometido um roubo em Água Preta, fugira para uma outra cidade baiana — Barra do Rio das Contas — onde tratara de extrair o dente com a incrustação. A polícia não conseguia localizar Boaventura, porquanto era procurado pelo sinal característico, que o identificava. Não fôsse o dentista, que fizera a extração do dente, comunicar o caso ao delegado de polícia, o “Estrêla de Ouro” não seria mais identificado e conseqüentemente prêso.

Este e tantos outros casos vêm provar a importância dos caracteres odontológicos na identificação, que no caso foi individual. Quan-

do esses caracteres não sirvam à identificação individual, servem, pelo menos, como caracteres de grupos, tribos ou classes sociais.

Vê-se, por conseguinte, que esses dados odontológicos, cujo valor é por muitos subestimado, são, na realidade, de importância acentuada nas perícias odonto-legais.

### SUMMARY

The present paper reports on the type and techniques of body painting, tattooing and dental mutilations, as practiced by the Tenetehára Indians, a tupian group that inhabits the Pindaré River, State of Maranhão. The observations were made by the author during two field trips (1945 and 1949).

For painting the body, red *urucú*, black *genipa* and various kinds of oils are used. Tattooing is of the puncture technique and made with needles, which are tied together in two main patterns: a dotted line . . . or a triangle . . . The dye used is obtained out of a mixture of soot with the juice of bean leaves (*Kahá-uná*).

Dental mutilation consists in the cutting of the angles of the incisive tooth (fig. 1) to obtain a pattern called “piranha tooth”. Not only the enamel is taken off, but also part of the dentine (fig. 3). Besides the aesthetic motive, this kind of mutilation is believed to be effective to avoid the caries of the incisors. On a series of 40 mouldings taken by the A. there were 14 samples mutilated, out of which only two right lateral incisors did present caries.

The dental mutilation as practiced by the Tenetehára Indians, is believed by the A. to be the result of African slaves cultural influence.

### BIBLIOGRAFIA

- ARVELO, MARTIN MATOS — 1912 — Vida indiana. Barcelona.  
 BOVERO, ALFONSO — 1936 — Individualidade da mucosa humana. Rev. Otolaring. 4 (4). S. Paulo.  
 DEMBO, ADOLPH E J. IMBELLONI — s.d. — Deformaciones intencionales del cuerpo humano. — Humanior, sección A, t. III, Buenos Aires.  
 DENIKER, J. — 1926 — Races et peuples de la terre. Masson, Paris.



DÓRIA, JOSÉ R. — 1938 — Tatuagem — Arch. Med. Legal, vol. 7, 1934, Lisboa.

LOPES RAIMUNDO — 1932 — Os Tupis do Gurupy. XXV Cong. Intern. Americanistas. La Plata.

NETO, LADISLAU — 1882 — Do corte dos dentes. Rev. Exposição Antrop. Brasileira, organizada por Melo M. Filho, Rio de Janeiro.

SELIGMAN, C. G. — 1935 — Les Races de l'Afrique. Payot, Paris.

STEINEN, KARL VON DEN — 1940 — Entre os aborígenes do Brasil Central. Dep. Cult. S. Paulo.

WAGLEY, CHARLES — 1943 — Notas sôbre aculturação entre os Guajajara. Bol. Museu Nacional, Antropologia, 2, Rio de Janeiro.

WAGLEY, CHARLES — 1943 — Xamanismo Tapirapé. Bol. Museu Nacional, Antropologia, 3, Rio de Janeiro.

WAGLEY, CHARLES E E. GALVÃO — 1949 — The Tenetehára Indians. N. York.

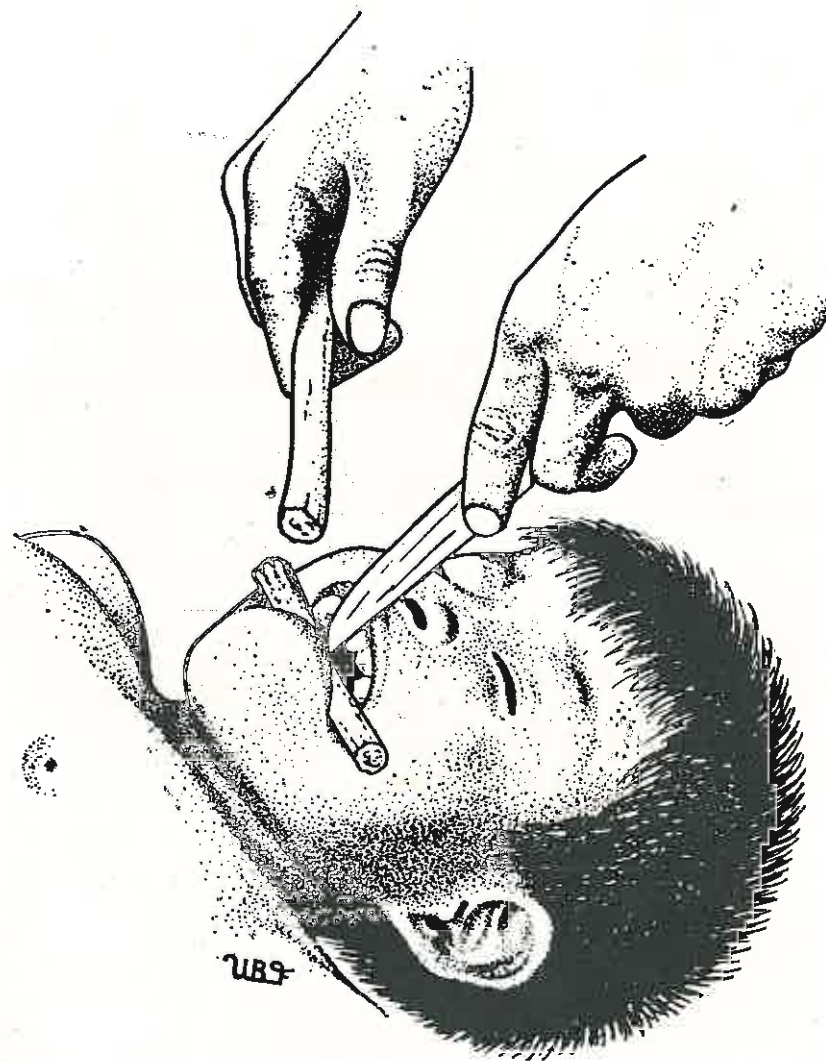


Fig. 1 — Desenho da mutilação dentária, segundo fotografia do autor.



Fig. 2 — Índio Tenetehára, apresentando mutilação dentária dos incisivos superiores. (Fot. do Autor)

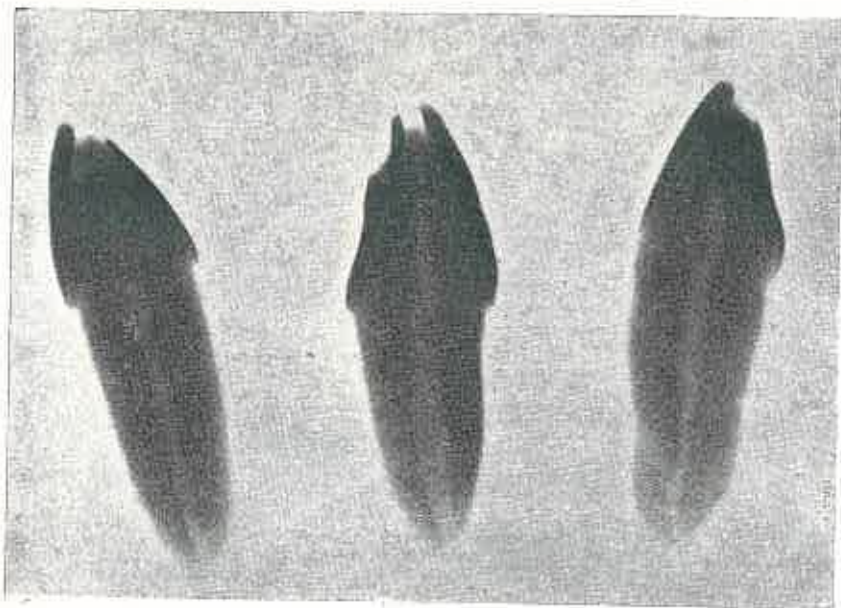


Fig. 3 — Cópia da radiografia de incisivos dos índios Tenetehára, na qual se nota a mutilação da dentina.



Fig. 4 — Crânio tenetehára n.º 699. Col. Museu Nacional. Notem-se as mutilações dentárias.

